

GT25: Atos de Estado, conflitos e resistências quilombolas em tempos extremos

Raquel Mombelli, Osvaldo Martins de Oliveira

O comitê quilombos da aba propõe reunir pesquisas realizadas em diversas regiões do país que reflitam sobre "atos de estado" e a intensificação de conflitos territoriais, acirrados pelo avanço dos chamados megaempreendimentos (mineração, agronegócio, imobiliário, infraestrutura, entre outros) nos territórios quilombolas ocorridos sobretudo durante o contexto de pandemia da covid-19. busca-se analisar os retrocessos e as ameaças eminentes em face aos processos de flexibilização da legislação ambiental, desmonte das instituições e paralisação dos processos de regularização fundiária das terras quilombolas pelo estado brasileiro, bem como avaliar os impactos causados pelas ações promovidas por agentes antagonistas aos direitos quilombolas e à desconstrução dos direitos. as formas de resistência, mobilização e organização política em torno da defesa dos territórios, os registros das memórias dos guardiões e das formas de transmissão dos saberes e da cultura quilombola, diante do descaso e abandono dos poderes públicos, serão também temas de interesse neste espaço.

Nosso território não tem preço, nosso território tem valor: uma reflexão sobre o Mercado de carbono

Autoria: Rosenilda Botelho Gomes

O território quilombola na sociedade contemporânea vem sendo visto nas suas múltiplas dimensões, tais como: política, cultural e econômico. Podemos perceber isso após a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima em 2021, representando a 26.ª conferência das partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP26), a qual apresentou como meta alcançar o zero líquido nas emissões globais, com a estratégia de compensação, através do Mercado de Carbono. Essa discursão chega até as comunidades quilombolas das Ilhas de Abaetetuba, através da Associação dos Remanescentes dos Quilombos das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA) e a empresa Amazon Carbon. Diante desse contexto, o presente texto tem por objetivo compreender a arena de discursão sobre o mercado internacional de carbono, a partir do tripé: os quilombolas, a associação dos quilombolas e a empresa Amazon Carbon, nos territórios quilombolas das ilhas de Abaetetuba. Dente os objetivos específicos, buscamos descrever como está ocorrendo às negociações, trâmites legais sobre essa "nova" forma de mercado dos bens naturais nas comunidades quilombolas; identificar os desafios dos quilombolas em relação a autonomia territorial, frente ao Mercado Internacional de Crédito de Carbono. Como procedimento metodológico partimos de um estudo etnográfico, utilizando a observação participante e a entrevista semi-estruturada, com base Oliveira (1998); Albert (2014); Strathen (2014) Guertz (1989). Dessa forma trazemos para a discussão autores que discutem e conceituam etnicidade Fredrik Barth (2000), território quilombola, O'Dwyer (2010; 2011); Almeida (2002; 2008); Arena Pública, DE SARDAN (1995) etc. Para a empresa os quilombolas não precisariam fazer muito esforço, já que estes tem uma relação de certa forma sustentável com a natureza. Por outro lado, os quilombolas apresentam algumas preocupações no debate e uma delas é autonomia dos seus territórios, em relação aos seus fazeres culturais, que estão relacionados aos saberes tradicionais no modo de produção. Além disso, para os quilombolas, receber valores pelo Mercado de Carbono das empresas, é tornar-se apoiadores para que estas continuem agindo ambientalmente incorreto. Portanto, podemos perceber que na arena pública está presente a resistência dos quilombolas diante a assinatura do Contrato do Crédito de Carbono; Os conflitos internos e as relações de poder no território em relação à implantação desse "projeto". E os discursos vantajosos de melhorias na vida dos quilombolas. Palavras chaves: Território, quilombola,

Arena pública.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

